

**HOMERO  
SANTIAGO**

**ENTRE  
SERVIDÃO E  
LIBERDADE**

SÃO SAULO, 2019

1ª EDIÇÃO



editora politeia

**Prefácio 9**

## **Introdução**

Entre servidão e liberdade **15**

### **I**

Dualidão crítica **29**

Superstiçãoo e ordem moral do mundo **35**

O filósofo espinosista precisa criar valores? **87**

### **II**

Em meio a Espinosa, Nietzsche e Negri **121**

Quem tem medo do negativo? **131**

Por uma teoria do possível **141**

### **III**

O estilo é a filosofia **161**

Investigaçãoo e aquisiçãoo **175**

Um conceito de classe **199**

# Sumário

## IV

Cada um tem a polícia que merece	229
O Estado: segurança e insegurança	263
Dinheiro, liberdade, democracia (conceitos do Bolsa Família)	285

## V

O irrepresentável	315
Um Marx alegre	349
As crises do pensamento	369

## Avulsos

O ente absolutamente infinito	381
A última vitória do lulismo	385
Multidões nas metrópoles	397
<i>Hard times</i>	413

<b>Bibliografia</b>	<b>429</b>
---------------------	------------

<b>Index</b>	<b>443</b>
--------------	------------



*A Heitor doma-corcéis.*

*Infelizmente uma dedicatória feita em tempos infelizes. Nossos dias parecem confirmar o dito do Mário (não aquele que fica atrás do armário, mas o Quintana): “a esperança é um urubu pintado de verde”. Assim é porque assim foi. E não adianta ficar amaldiçoando o leite derramado. Por ora, que mais pretender senão virtude e fortaleza de ânimo? Já é um desafio ingente. Oxalá os próximos corcéis, os que te couberem encarar com dignidade, não sejam tão traiçoeiramente coloridos.*



# Prefácio

Os textos aqui coligidos resultam de motivações diversas, desde o acaso da descoberta de uma questão até a encomenda pura e simples; a produção deles se estende por um período de mais ou menos dez anos e ao início de cada um o leitor encontrará informações sobre sua proveniência e sua data (em alguns casos, aliás, ter em mente esse dado é fundamental). A origem do livro foi uma tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e defendida em maio de 2012; daquele conjunto, longamente maturado e depurado, parte considerável veio a ser aproveitada em associação com trabalhos posteriores. Embora quase todos os textos tenham sido elaborados de forma autônoma, acreditamos que afrontam à sua maneira um mesmo terreno que, na introdução, tentaremos delimitar como um campo problemático situado *entre* servidão e liberdade. É aí, e queremos crer que somente aí, que tais categorias podem assumir um sentido concreto, vinculado às variadas formas como os seres humanos buscamos a nossa felicidade, umas vezes com êxito, outras com redundante fracasso. Tomando por ponto de partida Espinosa e Pascal, parece razoável compreender os termos “servidão” e “liberdade” como essencialmente correlativos e portanto avessos a qualquer sentido absoluto: servidão remete a impotência, liberdade remete a potência; ora uma predomina, ora outra; de tal forma que o problema ético fundamental seja como passar de uma situação de predomínio da primeira para o predomínio da segunda, em suma, um *problema de transição* (“transition”, diz Pascal; “transitio”, segundo Espinosa). Bem entendido, cada texto aqui presente aborda essa questão à sua maneira, sob uma perspectiva própria e desobrigado de sistematicidade. O fato de virem agrupados sob um mesmo título provavelmente se deve menos à

atuação de um desígnio geral prévio que lhes presidisse a redação que ao ajuizamento posterior, somente permitido pela releitura, que descobriu neles a persistência de uma mesma problemática. Se com acerto ou com erro, o leitor avaliará.

Delimitado esse campo e sugerido um teor próprio aos termos “servidão” e “liberdade”, calhou-nos discuti-los no interior de certos campos temáticos que determinam as seções do livro.

*Primo*, um cartão-postal de Nietzsche é mote para ressaltar e analisar alguns aspectos do espinosismo que, embora longe de serem inéditos, servem para desacreditar a compreensão e sobretudo a louca pretensão de um enfrentamento intelectualista da servidão. Esta não se enfrenta pelo só saber, ou quase nada pelo saber entendido como posse do verdadeiro. O combate eficaz só se inicia pelo entendimento da servidão como enraizada em nosso próprio ser e a descoberta de que aquilo mesmo que nos pode tornar livres é, simultaneamente, capaz de nos fazer servos, e vice-versa.

*Secundo*, aborda-se um ponto surgido na seção anterior, o problema do possível, delimitando seu lugar no interior de um determinismo radical (no caso o espinosano) e tateando suas implicações. O possível como uma espécie de perspectiva que torna factível o trânsito entre servidão e liberdade na medida em que consegue vislumbrar, em meio à pura determinação e principalmente na ignorância de seus meandros, a determinabilidade de certas coisas, descortinando assim o campo próprio da ação humana, especialmente a política.

*Tertio*, vêm três estudos de caso motivados por uma questão única: como um pensamento filosófico consegue formar-se a partir do enfrentamento de adversidades que se interpõem entre nós e nossos anseios? Desse ângulo, o nascimento de uma filosofia ocorre menos como a descoberta de uma verdade que o desbravamento de um campo de pensamento (um “novo instituto de pensamento”, para dizer sob o decalco do que Espinosa denomina “novo instituto de vida”) que, conquistado às agruras impostas pela fortuna, logra restabelecer as possibilidades de ação.

*Quarto*, apresentamos tentativas de abordagem de temas recorrentes em nossa realidade social e particularmente na situação brasileira recente: a polícia e seu pendor à violenta obediência abstrata, o Estado e seu escopo, o dinheiro e a liberdade. Convém deixar claro que o trato com esses problemas teóricos a partir de objetos empíricos, se se pode assim



dizer, não muda em nada o estatuto das considerações, essencialmente teóricas; o apelo às experiências, sempre mediado por estudos alheios, tem a função de alargar as possibilidades de se pensar e aplicar os conceitos de servidão e liberdade.

*Quinto*, três estudos dedicados à filosofia de Antonio Negri buscam tanto apresentar a sua originalidade e interesse quanto, de alguma maneira, avaliar suas contribuições para a elaboração de uma filosofia política que saiba pôr a liberdade como inseparável da transformação social (minha liberdade depende da de outros, ou um pouco como apregoava Espinosa: o sumo bem exige nos esforçarmos ao máximo para que outros alcancem, conosco, a felicidade que desejamos); por outro lado, insiste-se na necessidade de sempre manter em mente os percalços impostos pela renitente ação dos mecanismos da servidão, tarefa vez por outra negligenciada por Negri.

Finalmente, na última seção do volume, modestamente intitulada “Avulsos”, agrupamos alguns textos que, sem embargo do formato e da intenção distintos relativamente aos anteriores, explicitam um pouco o liame tenso e necessário entre a teoria no grosso e no retalho — sem esses tateios o pensamento não se faz! —, além do que cumprem certa função didática, permitindo ao leitor introduzir-se na temática filosófica anterior a partir do diálogo com a conjuntura. A exceção fica por conta do textinho sobre o Deus espinosano. Em vista da forte presença do espinosismo ao longo do volume, ocorreu-nos ser útil àqueles que não estão em nada familiarizados com essa filosofia uma apresentação sumária de sua tese central. A tais leitores, nosso conselho é começar por ali.

### **Nota bibliográfica**

Nos rodapés, as indicações bibliográficas são abreviadas e fornecem apenas o indispensável para que cada título possa ser identificado na bibliografia final, que arrola as referências completas das obras citadas.

No caso dos textos de Espinosa, as traduções listadas na bibliografia constituíram um ponto de partida e foram várias vezes modificadas. As remissões são, como de praxe, à divisão interna das obras; quando é necessário indicar uma página, remete-se à edição de Gebhardt.